

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIAS, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR DO ESTADO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO – UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

O DISCURSO IMAGINÁRIO DO SUJEITO POSSEIRO DE NOVA LACERDA

Heliane Lino Fiuza

Pontes e Lacerda – MT, fevereiro/2003

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT	
R.Nº	9503
Data	14, 08, 03

Turno 2002/2

HELIANE LINO FIUZA

O DISCURSO IMAGINÁRIO DO SUJEITO POSSEIRO DE NOVA LACERDA

Ensaio Monográfico apresentado à
UNEMAT/Campus Universitário de Pontes e
Lacerda, como requisito final para conclusão do
Curso de Licenciatura Plena em Letras, sob a
orientação do Professor Ricardo Marques Macedo.

Agradeço ao meu esposo e aos meus filhos por entenderem a
minha ausência no período em que estive cursando Letras.
Agradeço igualmente ao Professor Ricardo Marques Macedo,
pela efetiva disposição em orientar-me.

À minha amiga Gleide de Oliveira Moura, que muito me
auxiliou no caminhar de minha vida acadêmica.
Aos meus irmãos Wédison L. Fiuza, Rosimeire Fiuza e demais
pessoas entrevistadas, pelo fornecimento de dados.

Ao meu esposo Vanderbil Rogério e aos meus
filhos Jean e Gisele, que mui anciosos
esperaram por mim.

O homem é um ser que se criou ao criar uma
linguagem. Pela palavra, o homem é uma
metáfora de si mesmo.

Octávio Paz, O arco e a lira.

SUMÁRIO

Apresentação	07
I- Conceitos discursivos	09
II- O Imaginário do Sujeito posseiro de Nova Lacerda	
1- Breve histórico	
1.1 - O conflito	14
1.2 - Da participação política à apropriação	15
1.3 - A apropriação	16
2- Construção do Imaginário do sujeito posseiro	17
2.1 - Sujeito injustiçado.....	19
2.2 - Sujeito desbravador	20
2.3 - Sujeito submisso.....	21
2.4 - Sujeito democrata.....	22
Considerações finais	24
Referência Bibliográfica	25
Anexos	26

APRESENTAÇÃO

Depois de anos de especulação e admiração por comportamentos estranhos por parte dos possíveis posseiros (guerreiros) de Nova Lacerda, resolvi satisfazer minha curiosidade a respeito de tais comportamentos.

Desde meados da década de 1980 convivo com pessoas que fizeram parte dos conflitos na luta pela posse de terras em Nova Lacerda. O discurso destas pessoas são tão reais, que ao mencionarem elas conseguem deixar o interlocutor atônico com suas histórias. Mas, o que é mais impressionante, é a forma de como eles se viam durante os atritos, a grandeza que, eles próprios se elegiam, estes homens injustiçados que por sua vez é pura “imaginação” eram revestidos de poder, autoridade e usufruíam de lugares que lhes tornaram verdadeiros guerreiros.

O que se apresenta neste ensaio monográfico é uma procura pela identidade do “sujeito posseiro” de Nova Lacerda, revelando o imaginário e sua forma de dizer. A partir desta explicitação do sujeito e sua imagem poderemos compreender um pouco mais sobre os possíveis movimentos dos Sem Terras no Brasil.

Como suporte teórico – metodológico, utilizaremos a Análise de Discurso de linha francesa. Nela verificaremos que o sentido é histórico e de possível mudança.

No decorrer desta análise podemos perceber que, num movimento de discurso, as produções discursivas podem ser de um modo e as formações imaginárias de outro.

Sendo assim, para verificarmos como se dá a construção do imaginário do “sujeito posseiro” de Nova Lacerda, devemos antes levar em conta os fatos históricos que juntos formaram a história de um lugar e fizeram parte da vida de um povo.

Na primeira parte percorremos as trilhas do discurso, o qual propicia a nossa análise.

A partir desta reflexão, traçamos um mapa através do discurso dos posseiros de nova Lacerda. As referências foram transcritas respeitando as variações da linguagem oral dos mesmos. Os discursos dos posseiros são o nosso principal eixo questionador e diante deste, discorreremos a Análise do Discurso (que logo adiante chamaremos de AD), sua origem, seu campo epistemológico (filiações teóricas), objeto da Análise do Discurso que é o próprio discurso e o objeto específico que é a formação imaginária.

Mediante a explanação do trabalho, perceberás que os lugares estão representados nos processos discursivos do indivíduo, o que funciona através destes processos é uma

série de formações imaginárias, todavia, ela designa um lugar a um sujeito e atribui a si e a outro uma imagem que fazem de seu próprio lugar e o lugar do outro. Mais adiante, verá que um “único” sujeito está numa mesma posição e representa várias posições.

Na Segunda parte da análise fizemos uma reflexão sobre o ato fundamental pela teoria de Pêcheux ao estabelecer que: “o discurso produzido por um sujeito(A) pressupõe um destinatário (B) que se encontra em lugar determinado na estrutura de uma formação social” (INDURSKY apud Pêcheux, 1997:54), sendo que este lugar está representado a partir de várias formações ideológicas, no qual A e B se atribuem mutuamente.

Através destas formações estabelecemos para (A) _ sujeito posseiro de Nova Lacerda, sendo 04 formações imaginárias:

- 1) IA (A) 1 _ O posseiro injustiçado;
- 2) IA (A) 2 _ O posseiro desbravador;
- 3) IA (A) 3 _ O posseiro submisso;
- 4) IA (A) 4 _ O posseiro democrata.

Vale ressaltar que mediante estas 04 imagens e com a ajuda da AD, foi possível observar que, discurso e comportamento, estão interligados a posição ocupada pelo sujeito.

CONCEITOS DISCURSIVOS

Estarei buscando suporte teórico, para a realização da minha pesquisa, na Análise de Discurso, da linha francesa, que teve sua origem nos anos 60, e é considerada uma teoria crítica da produção da linguagem.

A diversidade da linguagem tem sido objetivo de estudo desde o século III a.C. Durante mais de dois mil anos, os estudos dedicados à linguagem se concentraram exclusivamente na língua literária, e a comunicação se tornava cada vez mais difícil. Então alguns estudiosos, resolveram descrever as regras gramaticais para facilitar a comunicação tanto oral quanto escrita. Mas os gramáticos não tendo explicações para alguns usos da língua criaram as famosas exceções. Preocupados com o sentido das palavras e por meio da compreensão do funcionamento dos processos de significação, Michel Pêcheux propôs um estudo da língua filiado à lingüística, ao marxismo e à psicanálise.

Foi pensando em inúmeras tendências e significados lingüísticos que os estudiosos resolveram estudar a língua de uma maneira particular que deu origem a AD.

A AD compreende a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, ela concebe a linguagem, segundo Orlandi, como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. A AD considera que a linguagem não é transparente, ela produz um reconhecimento a partir do próprio texto, isto é, sua discursividade. Em sua aparência, a AD é conhecida como uma teoria que compreende a linguagem em sua relação com a exterioridade a partir do discurso. Orlandi (1997) afirma que o discurso e o lugar de contato entre língua e ideologia, ou seja, o discurso não é a fala, enquanto forma individual, mas um elemento duplamente determinado que materializa o contato entre o ideológico e o lingüístico.

Na história da reflexão da linguagem, a AD aparece como forma de conhecimento cisionista. Ela se constrói não como uma alternativa para lingüística - que é a ciência que descreve e explica a linguagem verbal humana, mas como proposta crítica que procura justamente problematizar as formas de reflexões estabelecidas (Orlandi 87:11)

Para tanto vale ressaltar que as palavras simples do nosso dia-a-dia chegam até nós, carregadas de sentidos que não sabemos como se construíram, mas que, no entanto, significam em nós e para nós.

Para Pêcheux e Orlandi, o discurso é efeito de sentido entre locutores, é o lugar de contato entre língua e ideologia por isso, o discurso necessariamente relaciona-se com outros discursos, essa relação é chamada de interdiscurso. Veja:

No sentido de que esta relação não se dá a partir de discursos empiricamente particularizados a priori. São elas próprias, as relações entre discursos, que dão a particularidade que constitui todo discurso se produz como trabalho sobre outros discursos. E neste sentido - O interdiscurso é o conjunto do dizível, histórica e lingüística definido.

92:89)

(Orlandi,

Vendo assim, os sentidos são produzidos, devidos à presença do interdiscurso, isto é, são efeitos do cruzamento de discursos diferentes entre si. Todavia as formações discursivas são diferentes regiões que recortam, *o interdiscurso e refletem as diferenças ideológicas, o modo como as posições dos sujeitos, seus lugares sociais aí representados, constituem sentidos diferentes.* (Guimarães, 1995: 66)

A AD, faz um outro recorte teórico relacionando língua e discurso. A língua é condição de possibilidade do discurso. No entanto, a fronteira entre língua e discurso é posta em causa sistematicamente em cada prática discursiva, todavia, Pêcheux diz que a relação entre língua e discurso é de recobrimento, e não há portanto, uma separação estável entre elas.

Por falar em relação entre língua e discurso, Orlandi (1999) propõe que as palavras ganham sentido a partir do contexto em que são empregados, até porque as palavras, são polissêmicas e são consideradas opacas por não existir transparência na linguagem.

"Nessa conjuntura, toda leitura precisa de uma artefato teórico para que se efetue:

Althusser escreve sobre a leitura de Marx, Lacan propõe uma leitura de Freud que é um aprofundamento na filiação da psicanálise, Barthes considera a leitura como escritura, Foucault propõe a sua arqueologia. A leitura mostra-se como não transparente, articulando-se em dispositivos teóricos" (Orlandi 1996).

Podemos considerar o interdiscurso como a memória do dizer, ou melhor, pode-se assumir a posição de que o sentido em um acontecimento são efeitos da presença do interdiscurso. Ou seja, são efeitos do cruzamento de discursos diferentes no acontecimento.

A memória discursiva funciona como interdiscurso, *o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra.* (Orlandi, 2001: 31) na AD o

interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma dada situação discursiva.

A linguagem constituídas pelas diversas filiações produzem sentidos através do jogo da língua, todavia *o dizer não é propriedade particular (Orlandi 2001: 34)*. As palavras não são só novas, elas possuem outros significados diferentes, o que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa o que diz, mas não pode delimitar os sentidos que se constituem em cada palavra dita, as vezes o que o sujeito não diz pode estar implícito ou ter algum significado em suas palavras.

É assim que suas palavras adquirem sentido é assim que os sentidos se significam retomando palavras já existentes. É assim que sentidos e sujeitos estão sempre em movimentos, significando sempre de muitas e variadas maneiras. Sempre as mesmas, mas ao mesmo tempo, sempre outras”. (Orlandi 2001: 36).

Para a autora a língua está sempre sujeita ao equivoco e a ideologia, é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa.

Portanto, vale dizer que a incomplitude é a condição da linguagem nem os sujeitos nem os sentidos e muito menos o discurso, já estão prontos e acabados.

É possível perceber que todo dizer é ideologicamente marcado, pois é através da língua que ideologia se concretiza nas palavras dos sujeitos, todavia, *o discurso é o lugar de trabalho da língua e da ideologia (Orlandi 2001: 38)*.

Ao pensar em ideologia, a AD funciona fortemente na questão enquanto liberdade e dominação. Estes dois fatores lingüísticos são condicionados ou determinados de acordo com a posição em que o sujeito ocupa. Afirma Orlandi, quando diz que a língua é uma condição de possibilidade do discurso.

Segundo a autora o lugar a partir do qual falam o sujeito é constitutivo do que ele diz, portanto todo discurso é um processo discursivo amplo e contínuo, não existe começo e nem fim para um discurso, pois um dizer tem sempre relação com outros dizeres.

Na AD são considerados todos os mecanismos da linguagem e funcionamento do discurso, sendo que ambos estão tangenciados pelas formações imaginárias. *Sabendo-se que toda língua é projetada por regras ela permite ao sujeito ver e diferenciar o seu lugar e sua posição em um discurso (Orlandi, 1997)*.

Segundo Foucault (2001:10) *o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar*.

São muitos os tipos de discurso que podemos ver e sentir como a formação discursiva funciona como dominante.

A ideologia faz parte da constituição do sujeito e dos sentidos. Pois o dizer do sujeito mantém relação com a sua constituição ideológica, como diz Pêcheux (1997), *sua característica comum é a de dissimular sua existência no interior de seu próprio funcionamento, produzindo um tecido de evidências subjetivas*.

Nesta perspectiva o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, isto é, precisa submeter –se a língua e a história para produzir sentidos, de modo que o indivíduo já é sempre sujeito.

Gadete e Pêcheux expõem que o processo discursivo é representado de acordo com o lugar ou posição do sujeito, que ao ser transformado produz no processo discursivo uma série de formações imaginárias.

Partindo das pesquisas de Pêcheux, o imaginário do sujeito posseiro será definido por algumas letras (IA) a qual produzirá determinados discursos que logo terá os seus lugares identificados na estrutura da formação social.

Para afirmar que todo processo discursivo supõe a existência de formações imaginárias, Pêcheux faz as seguintes representações.

IA (A) (Imagem do lugar de A para o sujeito situado em A):

Quem sou para lhe falar assim?

IA (B) (Imagem do lugar de B para o sujeito situado em A):

Quem é ele para que eu lhe fale assim?

(Indursky, 1997:54).

As formações imaginárias do sujeito posseiro discorrerá a partir do funcionamento discursivo dos corpos da análise. Todavia será representado da seguinte forma [IA (A)]. Indursky apresenta em suas pesquisas 04 imagens sendo:

IA (A) _ imagem da posição do sujeito locutor.

IA (B) _ imagem da posição do sujeito interlocutor.

IB (B) _ imagem da posição do objeto do discurso.

IB (A) _ imagem da posição do objeto do discurso.

As imagens que aparecerá no corpus da análise terá como objeto de estudo:

IA (A) 1 o sujeito posseiro injustiçado.

IA (A) 2 o sujeito posseiro desbravador.

IA (A) 3 o sujeito posseiro submisso.

IA (A) 4 o sujeito posseiro democrata.

Estas representações imaginarias atribuirão, cada um a si e ao outro a imagem que eles fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro. Este logo imaginário será instituído através das formações discursivas.

O IMAGINÁRIO DO SUJEITO POSSEIRO DE NOVA LACERDA

1. BREVE HISTÓRICO

1.1 - O conflito

No final da década de 70, início da década de 80, começou o processo de terraplanagem da BR 174, despertando o interesse comercial dessa região.

A região era composta por várias fazendas que se encontravam em processo de desmatamento. Havia, também, em grande número de terras devolutas que eram protegidas pelos fazendeiros Francisco Teles, proprietário de uma das fazendas. Este apropriou-se parcialmente de uma área de aproximadamente 2.000 alqueires, dividido em duas áreas distintas, denominada fazenda A e B. Sendo que uma situa-se entre as fazendas Santa Paula, fazenda Paraíso, Estância Major Mourão e Pedra Branca, banhada pelos Rios Galera e Papagaio, nos quais, somente 200 alqueires dessa área eram titulados e pertencentes a ele, porém, toda a área era de seu domínio. A outra área localiza-se à margem da BR 174, situada entre as fazendas Santa Maria, Rancho de Prata, Umuarama, Londrina e Reserva Indígena. Essa área era devoluta, mas ocupada pelos fazendeiros.

A fazenda A, situada às margens do Ribeirão Papagaio era coberta por vegetação nativa. No final do ano de 1984, essa área foi invadida por um grupo de trabalhadores, liderados por Rafael Vilhalva (conhecido Taim), em busca de terras para agricultura de subsistência.

A fazenda situada às margens da BR 174, Km 510, era constituída por sede, criação de gado bovino e bufalino, sendo gerenciada por Osvaldo Correa Francos. No início do ano de 1985, essa área também foi invadida pelo mesmo grupo, tendo sua sede queimada no mesmo ano. Essa invasão foi marcada por vários conflitos entre pistoleiros e posseiros.

Nessa época, o fazendeiro Francisco Telles conseguiu forças junto à polícia, que o apoiou em suas decisões. Conforme o relato do Sr. José Raimundo Vital.

Chico colocou os pistoleiros limpar a área. Daí a polícia passou a perseguir os posseiros. Quando o Taim veio por Pontes e Lacerda, a polícia prendeu ele, bateu e deixou preso 08 dias. Daí, o Deputado José Lacerda propôs ao Taim que a polícia não ia mais envolver com os poseiros.

Em meados do ano de 1985, o Sindicato Rural de Pontes e Lacerda, Igrejas Evangélicas (Assembléia de Deus e Congregação Cristã no Brasil), o advogado Sinomar e o Executor do INCRA de Pontes e Lacerda, Sr. Irajá Fagundes, facilitou a demarcação da área de conflito.

A ocupação desta área foi marcada desde o início por muitas violências. Enquanto um grupo de homens trabalhava, outro grupo armados, davam proteção, entrincheirados próximos ao acampamento e aos picadões que estavam sendo abertos. Conforme a fala do Sr. José R. Vital: *Precisava bastante coragem e levar junto uns três homens para dar segurança. Caso os pistoleiros pegasse pelo caminho, a briga era fatal, morria mesmo.*

A primeira emboscada marcada pela demanda das terras, aconteceu em agosto de 1985, na proximidade do Córrego Polvinha. Essa emboscada marcou o início do conflito entre posseiros e pistoleiros. Vejamos o relato de Uendelis Fiúza: *A gente caminhava pela estrada quando foi atacado. Foi mais de 200 tiros. Nós defendemos escondendo atrás das árvores. Nossos carros foi queimado, mas não morreu ninguém.*

Além dos pistoleiros que estavam sempre presentes na área, os posseiros temiam uma ordem de despejo em favor dos fazendeiros, a situação tornou-se difícil, pois, os posseiros insistiam em resistir às pressões que lhes eram impostas pelo fazendeiro.

Uma outra emboscada aconteceu no final do mês de agosto, na porteira da Fazenda Umurama, nesse local houve intensa troca de tiros, havendo mortes e feridos.

A demanda pela conquista da terra durou um ano, com isto, morreram muitas pessoas na área de conflito, e também, quando se identificam como posseiros ou aliados destes.

1.2 - Da participação política à apropriação

Durante o processo de ocupação da fazenda A e B, houve a intervenção das autoridades estaduais José Lacerda e Walter Fidelis e federais Marcio Lacerda e Paulo Nogueira e apoio jurídico e político dos advogados Sinomar Resende Silva e Irajá Fagundes Teixeira junto ao INCRA para desapropriação e regularização da área, dando aos posseiros o direito de usufruir as terras.

Segundo os depoimentos dos entrevistados Mauro V. de Santana e Nelson R. de Moraes, afirmam Ter acompanhado todo o processo de ocupação dessas terras e que o

INCRA após a ocupação, organizou parcialmente a demarcação dos lotes, dando prioridade aos picadões já abertos.

No ano de 1986, deram o nome de Nova Lacerda ao povoado em homenagem aos deputados Marcio Lacerda e José Lacerda como participantes da transferência do povoado e do sistema de ocupação dessa região.

Dentre os posseiros encontrava-se Edith Nogueira Pereira, irmão do deputado federal Paulo Nogueira, que foi assassinado durante o processo de ocupação. Edith lutou pela legalização da área de conflito apoiando os posseiros, com a morte do irmão sentiu-se magoado, e enfurecido abraçou essa causa até o fim do conflito. Em homenagem a seu irmão deu-lhe o nome à área conquistada de Edith Nogueira, ficando a fazenda A com o nome de Edith Nogueira I, que hoje é conhecida como Gleba Velha. Algum tempo depois denominou-se a fazenda B de Edith Nogueira II, hoje, Gleba dos Goianos, por ser ocupada por migrantes oriundos de Goiás.

1.3 - A apropriação

A apropriação desta área deu-se por volta de 86 a 87, estando a área ainda em conflito, fora feita a demarcação dos lotes, começando então as pequenas roçadas e derrubadas na mata. O loteamento era feito pelos próprios posseiros, seguiam apenas o picadão aberto pelo INCRA, os lotes não podiam ultrapassar de 40 alqueires. As roças eram pequenas, apenas para o sustento familiar, as casas de folha de coqueiro e lona, as paredes eram de pau-a-pique, o que facilitava a visão de quem se aproximava. Alguns posseiros tiveram suas queimadas pelos pistoleiros.

Além do conflito, os posseiros enfrentavam uma outra batalha, a malária, doença causada pelo mosquito anofilino. A malária era tratada no posto da Superintendência do Combate a Malária – SUCAM, no município de Pontes e Lacerda, distante 120 Km da região.

Em 1987, fundou-se em Nova Lacerda um posto da SUCAM, para dar assistência na região, mas os recursos eram poucos, não tinha médico, nem técnico de enfermagem, os pacientes eram tratados apenas por um agente de saúde da SUCAM.

Muitos posseiros abandonaram seus lotes e outros venderam, pois a terra era muito arenosa, o que produzia não dava para tratar da malária.

Neste ano de 1987, as primeiras famílias começaram a estabelecer-se na região, levando no caminhão de mudança alguns animais domésticos. Essas famílias plantavam e cultivavam cereais, legumes e verduras para consumo próprio, a economia era pequena quantidade de produtos agrícolas que sobrava e a exploração de madeiras.

A grande porção de matas nativa na região despertou o interesse de vários empresários e madeireiros que visavam explorar suas riquezas naturais. Com a chegada dos madeireiros, foram abertas estradas que facilitou a vinda e a vida das famílias que vinham para cá. Em pouco tempo, o novo distrito pertencente à Vila Bela da Santíssima Trindade tornou-se uma cidade independente.

2. Construção do Imaginário do sujeito posseiro.

Sustentados no eixo do discursivo dos fundadores, analisaremos como era construída a formação imaginária do sujeito posseiro, já que seguimos utilizando a Análise do Discurso, pois ela se apresenta como sendo uma teoria crítica da linguagem, que constitui uma disciplina que, por se localizar no entremeio das ciências sociais humanas, encontra-se constantemente reinvestigando os fundamentos de seu campo de conhecimento, ou seja, as relações entre a linguagem, a história, a sociedade, a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito.

As más condições de vidas e a procura por terras para cultivar é que contribuiu para a fundação de Nova Lacerda, podemos observar a princípio uma particularidade de destaque que foi a migração oriunda de vários estados brasileiro como: MG, GO, SP, região nordeste, região Sul e principalmente MS. A falta de emprego e moradia, a crise econômica pela qual estava atravessando o país na época fez com essas famílias viessem para cá atraídos pela grande quantidade de terras devolutas existentes no Sudoeste mato-grossense.

A maioria tinha como destino Rondônia, estado recém Criado e exibido pelo governo federal como “Eldorado”, mas esta região mostrou-se mais atrativas, com terras mais férteis.

Chegaram aqui no ano de 83 o Sr. Taim vindo de MS. E trouxe consigo os primeiros migrantes desta região, em busca de terra para o trabalho e melhores condições de vida.

O início deste pequeno povoado significava para estes posseiros e suas famílias o sonho da terra própria para produzir alimentos e dar sustento as famílias. A maioria destes migrantes era constituídos de agricultores que tiveram uma vida estabilizada em outros estados, porém a crise pela qual a agricultura atravessava na época do governo Sarney, fez com que muitos agricultores vendessem tudo o que possuíam para saldar as dívidas de financiamentos junto ao banco do Brasil, ou na maioria das vezes o Banco do Brasil ficou com as terras que foram vendidas em leilões.

Esse agricultores que ficaram em suas terras começaram a se aventurar pelo norte de Mato Grosso, pois este tinha fama de ser um estado com muitas riquezas, apesar de ser pouco desbravado.

Outro fato de bastante importância para essa migração foi a questão da agricultura mecanizada, onde pequenos sítios que não possuíam máquinas agrícolas e viviam espremidos entre grandes propriedades se viram obrigados a vender suas terras, pois seus recursos financeiros não eram suficientes para cobrir os gastos com a plantação e colheita.

Em meios a estas angústias e opressões viram em Mato Grosso as chances de conseguir terras por preços acessíveis aumentando suas posses e esperanças de ter uma vida melhor.

As primeiras famílias que aqui chegaram hospitaleiras e solidárias, acolhiam com prazer os outros migrantes que iam chegando, pois sabiam que todos vinham com os mesmos objetivos, e, cada família que se instalava era uma força a mais para o progresso do povoado.

Os posseiros venceram e agora existe uma cidade, apesar da inércia dos órgãos competentes como o INCRA, em 15 anos, ainda não documentou nenhuma espécie de Crédito Bancário, pois não tem escritura de seus lotes.

Com a esplanagem dessa discursividade vimos que os migrantes que aqui chegaram, não temeram a fome, as lutas, as doenças, pois todos tinham convicção de que com muita garra e trabalho poderiam recuperar o que haviam perdido em seus estados de origem.

Vale enunciar que o crescimento rápido desse povoado faz com que tornasse necessário a escolha de um nome para facilitar o reconhecimento do mesmo e também prestar uma homenagem ao deputado José Lacerda, que muito se empenhou nessa luta por mais essa conquista, surgindo assim o nome Nova Lacerda.

Com bases nesse relatos dos sujeitos posseiros, e na história de vida deles podemos observar que o uso do nome próprio do deputado serviu para nomear o município, *pois este nome traz a tona a história em que esse nome se deu como nome* (Guimarães: 1996).

Ou seja o nome funciona no entrecrusamento discursivo. Assim, a nomeação passa a significar mais do que uma referência a um nome, significa o próprio ser, significa Historicidade ainda viva desse ser.

Passemos agora aos discursos dos sujeitos posseiros e a ação da memória discursiva.

De acordo com as pesquisas de Indursky podemos representar as questões discursivas a partir das possíveis imagens:

- [IA(A)¹] (o sujeito Injustiçado);
- [IA(A)²] (o sujeito Submisso);
- [IA(A)³] (o sujeito Democrata);
- [IA(A)⁴] (o sujeito desbravador).

2.1 - [IA(A)¹]- Sujeito Injustiçado

No caso da imagem do sujeito injustiçado, podemos observar o entrecrusamento de diferentes discursos, em que o sujeito é caracterizado pelo enunciado. Os posseiros ao adentrarem a terra tinham em sua mente o capitalismo, pois de certa forma sentiam-se injustiçados frente a estruturação social, afirma o posseiro(...) *Nóis tava abrindo as terras e plantando roças, mais tinha medo de que a qualquer hora a polícia ia chega e fase despejo. (Nego goiano 15/12/01).*

Neste discurso esta presente a garra, a coragem e a insegurança de um povo que juntos lutaram por um pedaço de chão. Mas o que é mais impressionante é a forma de como eles obtinham essa força.

Ao analisar o depoimento do posseiro *abrindo terras e plantando roças*, nesse enunciado está presente as lutas por um pedaço de chão, que no ponto de vista jurídico um deslizamento do direito de trabalhar para direito de propriedade, sustentado no pré-construído de terra produtiva.

No entanto, *tinham medo*, medo dos riscos que corriam, das corrupções, dos jurídicos que muitas vezes infligiam as leis a favor dos grandes proprietários.

Pois, conforme Pêcheux (1991), não há ritual sem falhas, por isso é possível a ruptura, a instauração de uma nova ordem de sentidos. O que caracteriza *Abrindo as terras e plantando x fazer despejo* como enunciado Injustiçado é que ele dá sequência a uma tradição *abrir terras e plantar*, e em outro momento ele re-significa o que veio antes, instituindo uma outra memória com uma outra significação. Para Orlandi (2001:86), este discurso pode ser caracterizado também como Polêmico: *a polissemia é controlada, o referente é disputado pelos interlocutores, e estes se mantêm em presença, numa relação tensa e disputada pelos sentidos*.

2.2 - IA(A)²: Sujeito Desbravador

Depois que nós entrava no mato, era como se nós tivesse em nossa casa, a gente tava pronto para qualquer coisa. Coragem e bala era a única coisa que não faltava. (Taim)

Neste discurso, o sentidos são efeitos da memória e do acontecimento: posições de sujeito, e cruzamento de discursos no acontecimento. (Guimarães, 1996:70). A posição que o sujeito de A² exercia sobre o sujeito A¹ tornava-o mais confiante do lugar em que ocupa, pois se o posseiro *era o chefe*, isto *aumentava sua segurança* e o poder sobre os demais, apesar de que ambos tinham os mesmos objetivos, e sofriam as mesmas injustiças.

A idéia de *nossa casa* no enunciado do sujeito de A², revela propriedade própria, além de legitimá-lo como autor da invasão de terras. Ao mencionar que *Coragem e balas* não lhes faltavam o sujeito se muni de força, coragem e esperança, criado através do universo lingüístico de imagens, que cuja memória, sempre coloca em jogo a imagem de comodidade que nascia de sua própria ignorância.

O depoimento do sujeito de A² nos traz à tona muitos movimentos no Brasil por causa de terras.

Na luta pela terra, há um movimento organizado oficialmente: o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST), tornaremos a partir de agora alguns antecedentes históricos sobre o MST que nos remonta à memória temporalizada:

O movimento é a continuidade das lutas camponesas, em um novo momento, que durante a colônia (até o final de 1600), os índios e os negros protagonizavam essa luta,

defendendo territórios invadidos pelos bandeirantes e colonizadores, ou unindo a luta pela liberdade *com a terra própria na construção dos quilombos*. No final do século, surgiram movimentos camponeses messiânicos, que tinham como liderança um líder carismático. São exemplos desses movimentos: Canudos, com Antônio Conselheiro, Cangaço, com Lampião e diversas lutas regionalizadas. Nas décadas de 30 e 40 ocorreram *conflitos violentos*, em diversas regiões, com *posseiros defendendo* suas áreas até mesmo individualmente, com armas nas mãos.

Entre 1950 1964, o *movimento camponês* organizou-se enquanto classe, surgindo daí as *Ligas Camponesas* a *União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil* (ULTABs) e o *Movimento dos Agricultores Sem Terra* (Master).

Esses movimentos foram esmagados pela *ditadura militar*, em 1964 e seus líderes foram assassinados, presos ou exilados.

O *latifúndio* derrotou a possibilidade da reforma agrária. Mas entre 1970 e 1980, no bojo da luta pela redemocratização surge uma nova forma de pressão dos *camponeses*: as ocupações são organizadas por dezenas, até centenas de famílias. Por esses motivos e outros é que Orlandi (1970) diz que: *a disputa pela terra existe desde o Brasil colônia que se dava entre o Estado e a Igreja, sendo possível observar isso a partir da conversão do índio* que, continua afirmando Orlandi:

Este é um discurso que, ao intuir a separação índio convertido/ não convertido, pronuncia a "necessidade" de extermínio (índio selvagem/aculturado). Paradigma produtivo e eficaz na posse da terra e na administração dos conflitos que dizem respeito a ela. Que distribui sentidos em muitas direções e que desemboca, hoje, por exemplo, no discurso sobre reforma agrária com a separação entre o trabalhador rural assentado/ o sem terra invasor (Orlandi 1990: 126).

Assim, o sujeito desbravador está sempre em busca de trabalho, conflito, e dos seus direitos.

A posição do sujeito A² e a posição de onde ele fala não é um "argumento" decisivo. Pois, como já vimos, *há algo na política do silêncio que se abriga no simbólico da linguagem* (Guimarães 1995:82) que já foram ditos pelos próprios posseiros *o medo, do despejo*.

2.3 - IA (A)³ Sujeito Submisso

No discurso: *nóis tava sempre preparados para o ataque, bastava só a ordem ou o sinal do chefe (posseiro Capanema)*, está impregnado a submissão devido o lugar de onde fala o sujeito.

Nas primeiras falas, *nois tava sempre preparados*, o sujeito se mostra corajoso, valente e com muita garra para lutar e vencer mas ao mencionar *bastava só a ordem do chefe* o enunciado já declarava a sua submissão. Sendo assim, afirma Orlandi, quando diz que *a historia tem seu real afetado pelo simbólico, porque os fatos reclamam sentidos*.

A submissão acontece de forma tão real que as pessoas nem a percebem, pois a vontade de vencer já esta impregnada pela própria ideologia como afirma (Orlandi 2001:20) ao dizer que:

O sujeito da linguagem é descentrado pois é afetado pelo controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia.

O sujeito submisso possui um *fato histórico* e social tão real que o caracteriza de forma que se sente bem em saber que tem um chefe para dominar-se.

Para tanto (Orlandi 2001:40) afirma dizendo que:

(...) A língua sujeita a equivoco e a historicidade, e que é institucional a formação social, em sua ordem e mecanismo imaginário que produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?).

Assim como Pêcheux, Orlandi deixa claro a submissão do sujeito na fala: *Quem sou eu para lhe falar assim?*

Vendo assim a formação imaginária do sujeito posseiro (locutor) funciona como um mérito, ao passo que ao interlocutor não passa de um sentimento de remorso pela luta por dias melhores.

2.4 – IA(A) ⁴ Sujeito Democrata

A democracia acontecia de maneira que satisfazia a necessidade do próprio povo, e partilhava das terras, eram por ordem de chegada e por posicionamento que o posseiro ocupava durante a grilagem ou brigas.

Cada posseiro, sentia-se mais valente do que os outros, apesar de que existia sim, homens muito valentes que não temiam a morte a momento algum, a sua bravura eram os principais suportes de sua auto estima.

Mas, quem fazia a partilha e determinava quais as terras que o sujeito deveria ocupar, era o chefe do grupo, o Sr. Taim, afirma o Sr. Capanema, um dos posseiros que colaborava com a alimentação, e fazia escolta e também o papel de detetive do grupo.

A divisão das terras eram feitas de maneira igual para todos. E na medida que ia chegando mais gente, iam recebendo suas terras para trabalhar, cultivar e construir. Dessa forma fomos ganhando força e o progresso chegou até nós.

O discurso do posseiro A4 nos mostra a construção de um sujeito democrata, que acredita na democracia. Demonstra ainda, a preocupação em afirmar que as terras eram divididas de acordo com as instituições governamentais, pois o ato do sujeito do chefe do grupo, apresenta uma autêntica ordem democrática.

Além disso, se o chefe é um democrata, isto legitima seu poder, pois é exercido com base nas instituições democráticas e está emanado da vontade do povo.

O discurso do sujeito de A4 revela que as lutas do povo eram todos com o mesmo objetivo, todos almejavam igualdades e compreensão a partir da imagem que (A¹) fazia sobre si diante da opinião do grupo.

Percebe-se que as ações do chefe do grupo diante das lutas e partilhas é democrática e conquistada a partir do reconhecimento do chefe do INCRA e do Juiz de Direito que juntos agiram de acordo com a lei que ampara o trabalhador sem terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho foi com a finalidade de compreender porque os homens que tanto sofreram, arriscaram suas vidas na disputa pela posse, não passa de um pobre trabalhador explorado pelo próprio processo que aborda sobre invasão de terras e que hoje, ao falar sobre os conflitos que enfrentaram se revestem de uma roupagem que os tornam muito valentes e valorosos como se cada um fosse o único e verdadeiro herói.

Para que houvesse uma melhor compreensão do trabalho realizado. Faremos uma síntese sobre as formações imaginárias do sujeito posseiro de Nova Lacerda que mostrara através do quadro abaixo as diferentes imagens que foram examinadas no *corpus* deste trabalho.

- IA(A)¹ O posseiro frente as Injustiças, e a estruturação social, o sujeito busca a coragem na sua própria insegurança e luta com muita garra por um pedaço de chão.
- IA(A)² Através desta imagem percebemos como o sujeito desbravador se vê como chefe do grupo. Sua missão é manter a organização dos posseiros, encoraja-los. Ele coloca em jogo a imagem de comodidade. Pois segundo Guimarães *o sentido são efeitos da memória e do acontecimento*.
- IA(A)³ Esta imagem mostra como o sujeito é afetado pela submissão. Pois ele trás consigo um enunciado próprio de submissão.

Quem sou eu para lhe falar assim?

- IA(A)⁴ Por fim, esta imagem é decorrente do discurso produzido pelos próprios posseiros que reconhecem o trabalho e o esforço do chefe que com base nas instituições democráticas fazia valer suas ordens e discurso.

Ao analisar as 4 imagens dos sujeitos posseiros. Podemos perceber que em todas as imagens há uma forte presença da imagem do sujeito injustiçado que é de valia afirmar, que nos brasileiros somos frutos da pura exploração e da injustiça social.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 7 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

GADET, F., HAK, T (orgs). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2 ed. Campinas: Unicamp, 1993.

GUIMARÃES, Eduardo, ORLANDI, Eni P. **Língua e cidadania**: O português no Brasil. Campinas: Pontes, 1996.

GUIMARÃES, Educardo. **Os limites do sentido**: um estudo histórico e enunciativo da linguagem. Campinas: Pontes, 1995.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**. Campinas: UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni P. (org.). **Discurso fundador**: a formação da país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**: as formas do discurso. Campinas: Pontes, 1987.

_____. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 2 ed. Campinas: Pontes, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Trad. Eni Pulcinelli Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.

ANEXOS



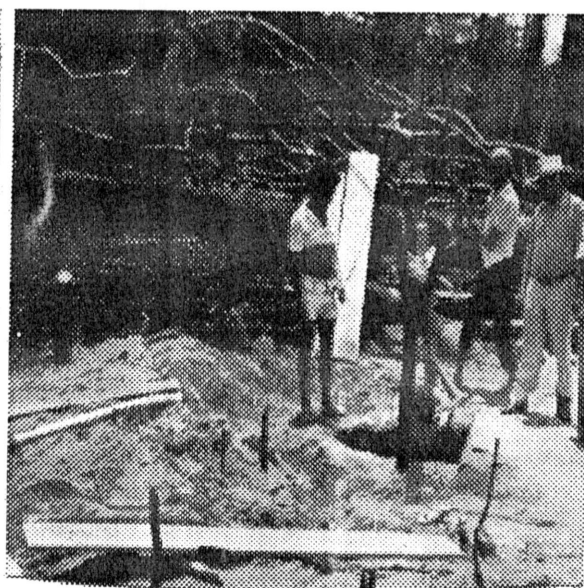
Primeiros moradores na área de conflito. Foto (Luiza)



Riquezas Naturais da Região

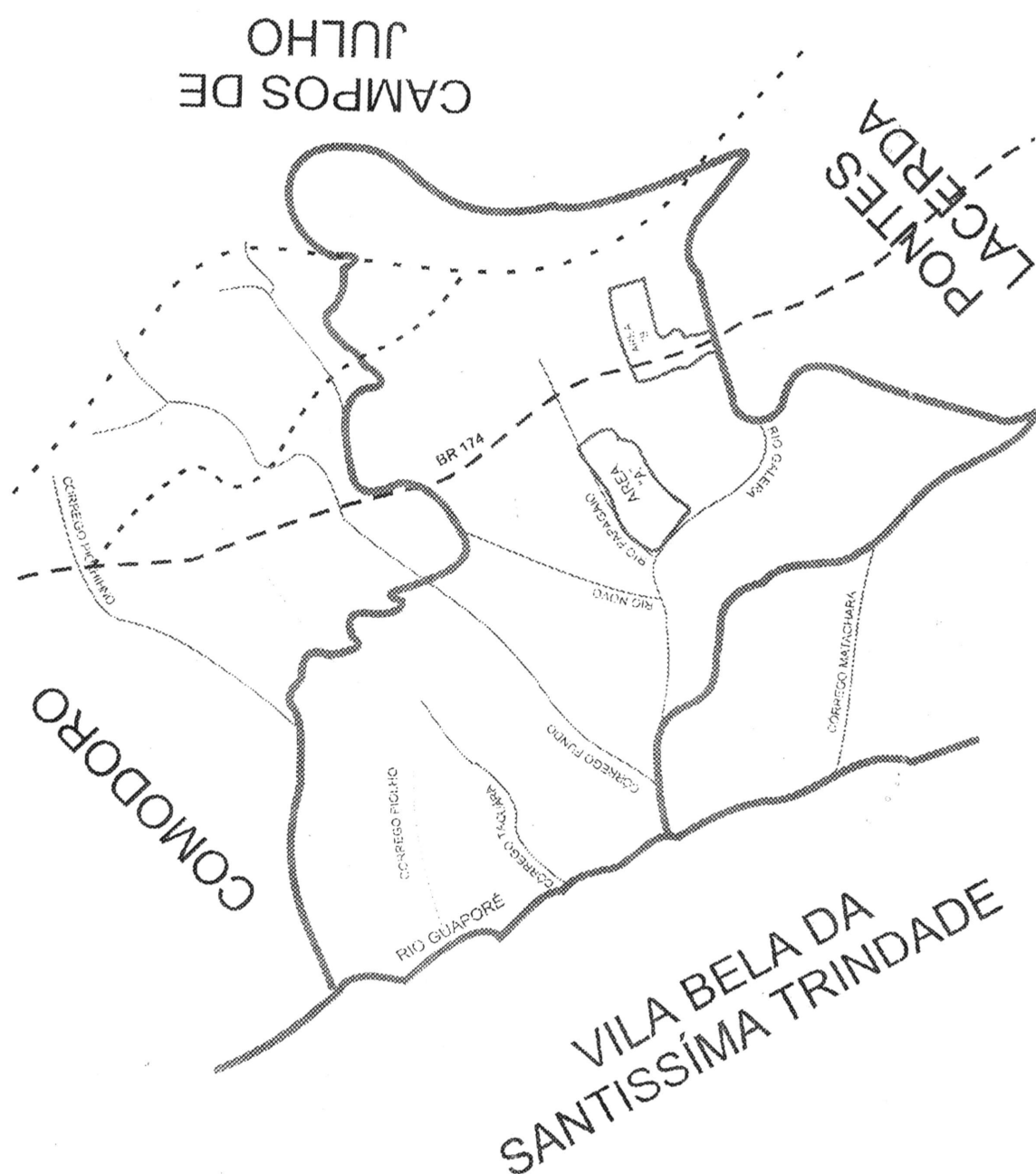


Abertura dos picadões (foto: Luiza)



Construção de acampamentos

LOCALIZAÇÃO DA GLEBA EDITH NOGUEIRA I e II



Fonte: Acadêmico da UNEMAT - MT